

Escolhemos os nossos melhores amigos

Se buscarmos na nossa memória, recordamos sempre o *Cão* como braço-direito do Homem, nas suas caçadas, como guarda das suas propriedades e como seu companheiro. Como foi possível a esta espécie desenvolver tantas capacidades e talentos?

A resposta está não só na sua plasticidades – assumem uma variedade de tamanhos e formas – como na criatividade do próprio Homem, que o moldou de forma a acompanhar as suas necessidades.

Mesmo que ao início desconhecesse os princípios que regem a Genética, o Homem da Antiguidade foi selecionando os canídeos beneficiando os que melhor guardavam as duas propriedades.

O cruzamento com fim a produzir raças só começou a ser um *hobby* no século XIX. O Homem iniciou a selecção de linhagens puras com fim a produzir cães com características distintas para caça, para o pastoreio, para companhia ou para guarda.

Hoje temos mais de 400 raças reconhecidas pelos clubes de canicultura em todo o mundo. Muitas delas mantêm as características para as quais as criámos através dos séculos, mas na sua maioria são utilizadas com o único objectivo de companhia dentro das nossas casas, junto das nossas famílias, e este talvez seja o *trabalho* mais complexo e importante de todos, dada a sua natureza.

Como veterinária apenas posso reconhecer que ao selecionarmos as características morfológicas desta espécie, demos também origem a um número elevado de doenças congénitas típicas de cada uma, quer internamente, quer externamente por exemplo, por terem as orelhas, o nariz ou os membros com uma conformação muito diferente daquela que a própria Natureza selecionou nas espécies silvestres.

Cada um da sua forma, aprendeu a cativar-nos pelo seu feitio, uns mais brincalhões e outros mais activos e operacionais para o trabalho. Uma companhia para os nossos filhos ou uma mais-valia nas forças policiais e militares em busca e salvamento ou na manutenção da ordem pública. Foram, são e vão continuar a ser os nosso *melhores amigos*, que escolhemos e compreendemos tão bem. Resta saber, se ao fim de tantos séculos já não serão eles também a escolherem fazer parte das nossas famílias humanas, a confiarem em nós e a dedicarem-nos as suas vidas em troca da sua fidelidade ilimitada.